

# Discurso de T Bone Burnett no AmericanaFest

*Atendendo a pedidos, temos o prazer de publicar a transcrição do emocionante discurso feito pelo músico, compositor e produtor T Bone Burnett na conferência de música AmericanaFest, na quinta-feira, 22 de setembro de 2016. Americana Music Association*

Por T Bone Burnett

Estou aqui hoje para lhes trazer amor. Estou aqui para lhes expressar minha profunda gratidão por amar a música e também uns aos outros. E estou aqui para falar do valor do artista e do valor da arte.

Enquanto pintava o grande afresco “O Juízo Final” na Capela Sistina, Michelangelo foi intensamente criticado por vários membros do clero, particularmente pelo mestre de cerimônias litúrgicas, um homem chamado Cesena, que o acusou de obscenidade. A resposta de Michelangelo foi pintar Cesena no afresco, na parte mais baixa do círculo do inferno, com orelhas de burro e uma serpente enrolada ao redor dele, devorando e cobrindo suas partes baixas, por assim dizer.

Cesena ficou possesso e foi ao Papa pedir que censurasse Michelangelo por esse ultraje. O Papa disse: “Bem, vamos lá dar uma olhada nisso.” Eles, então, desceram até a capela, o Papa se colocou em frente ao afresco e disse a Cesena: “Olha, isso não se parece nada com você.”

Vejam, o Papa não quis se meter com Michelangelo. Michelangelo estava fazendo coisas que iriam durar por centenas de anos. Sua obra sobreviveria ao poder do Papa de intervir nela, de maneira que o pontífice se curvou ao inevitável. O Papa estava com medo de um pintor.

O pintor era capaz de criar outra dimensão entre o Paraíso e a Terra. Tetos unidimensionais pareciam se projetar sobre a sala em três dimensões. Ele pintou salões onde os sacerdotes e a Igreja podiam se sentar e ser transportados – e tragados – a uma esfera superior, imersos em histórias antigas, pensamentos que sobreviveram a séculos. E ele fez isso misturando coisas que se podia encontrar em meio à areia e à argila e a partir de plantas. Ele era um temido alquimista.

A arte não é um mercado a ser dominado ou ao qual se dobrar. A arte é uma busca sagrada.

Abaixo do nível das partículas subatômicas há fibras que vibram em diferentes intensidades, diferentes frequências. Como as cordas de um violino. Os físicos dizem que as partículas que somos capazes de ver são as notas das cordas vibrando. Se essa teoria das cordas estiver correta, então a música não é apenas o modo pelo qual nossos cérebros operam, como os neurocientistas demonstraram, mas também a matéria de que somos feitos, de que tudo é feito. Essa é a razão pela qual os músicos estão tocando.

Quero lhes recomendar um livro – “A Técnica e o Desafio do Século”, de Jacques Ellul. John Wilkinson, seu tradutor para o inglês em 1964, define o livro desta maneira: “Trata-se da descrição do modo como uma tecnologia autônoma está a caminho de avassalar os valores tradicionais de cada sociedade, sem exceção, subvertendo-os e superando-os de modo a produzir, afinal, uma cultura mundial monolítica na qual as variedades e diferenças tecnológicas serão mera aparência.” Esse é o cerne do desafio de vida ou morte que estamos enfrentando.

A primeira bomba atômica foi detonada na manhã de 16 de julho de 1945, às 5h29min45s. Naquele momento os tecnocratas tomaram o controle da nossa cultura. Trindade, ou Trinity em inglês, era o nome em código desse teste. Foi uma insantíssima trindade.

A tecnologia só opera de uma forma – ela tende à eficiência. Ela não tem estética. Não tem ética. Seu código é binário. Mas tudo que é interessante na vida – e que faz valer a pena viver – se encontra num lugar intermediário entre o binário. A piedade não é binária. O amor não é binário. A música e a arte não são binários. Vocês e eu não somos binários.

Um parêntesis. É preciso lembrar que toda a tecnologia que usamos foi desenvolvida pela maquinaria de guerra – Turing decifrava códigos para os espões, Oppenheimer teorizava e construía armas. Muitas das ferramentas que usamos em estúdios de gravação – microfones e limitadores e equalizadores e essa coisa toda – foram desenvolvidos para o mundo militar. O privilégio é nosso de transformar espadas em arado.

Vivemos um tempo em que os artistas vão de estampido em estampido entre um negócio ruim e outro pior. Ninguém nos pergunta nada. Nos dizem que precisamos ser bons de marketing. Mas permitam-me dizer – e acho que provavelmente falo por cada músico aqui – que não comecei a tocar música porque esperava ou pensava que isso me levaria a uma carreira no marketing.

E, como dizem que nosso trabalho se tornou um produto, uma commodity, o preço da música está sendo derrubado a zero.

Estou trabalhando com um grupo chamado C3, a Coalização dos Criadores de Conteúdo, dirigida por Rosanne Cash e Jeffrey Boxer, que visa a desenvolver uma Declaração dos Direitos do Artista. Jeffrey está aqui hoje para receber qualquer um de vocês que queira se engajar nisso. O primeiro dos direitos dos artistas é o de determinar o meio em que trabalham. O segundo, estabelecer o preço do seu trabalho.

Cada um que merece ser chamado de artista, de Rembrandt a Paul Cézanne, Picasso e Jackson Pollack. De William Shakespeare a Tennessee Williams, James Baldwin e Jack Kerouac. De Bach a Stravinski, Mahler, John Adams. Cada um desses artistas fez arte para ser compreendido.

O mundo precisava mudar. Eles não se adaptaram ao mundo, o mundo teve de se adaptar a eles.

Os tecnocratas nos sugerem que nos despersionalizemos, que produzamos em crowdsourcing. Eu sugiro que não.

O básico que cada artista faz é descobrir do que gosta. Os tecnocratas, os magnatas do mundo digital, os *iTópicos*, nos olham por cima. Eles criaram todas essas ferramentas e acham que deveríamos lhes ser muito gratos – até mesmo subservientes – e usar alegremente seus insólitos brinquedinhos novos para torná-los ainda mais poderosos. Mas podemos fazer arte a partir de qualquer coisa. Não precisamos das ferramentas deles. A música confunde as máquinas.

Os iTópicos controlam meio e mensagem há uma geração já. E estão fazendo uma tremenda bagunça. A prova mais clara e perversa disso é a temporada política psicodélica em que estamos, que vemos se manifestar em cada eleição ao redor do mundo.

Antes da bomba atômica, tínhamos começado a projetar versões idealizadas das pessoas nas telas do cinema, enquanto as pessoas cujas imagens eram projetadas tinham de se esconder, sabedoras de que não correspondiam àquilo.

Depois da bomba, automatizamos esse processo. No Facebook, todo mundo é uma estrela. A promessa lisérgica idealista dos anos 1960 se mecanizou, permitindo-nos ser cópias, imitações ainda mais frívolas. A máscara se tornou o rosto.

Malcolm Muggeridge disse que o reino que Satã oferece ao homem está para o reino de Deus como um pôster de viagem está para o lugar que ele retrata. Essa tecnologia da internet tem sido tão insanamente promovida como a chave, a solução final, para nossa liberdade que se tornou nossa prisão. O que os falsos profetas da internet disseram que substituiria governos e estados nacionais e o comércio tradicional, criando um mundo de liberdade e comunidade e compartilhamento, levou na verdade a uma consolidação de riqueza e poder que faz os monopólios do início do século XX – Morgan, Rockefeller, Carnegie – parecerem fracos e incompetentes.

Ethan Zuckerman, o diretor do Laboratório de Mídia do MIT, se desculpou por sua contribuição na criação do que ele chama de um “fiasco”. Tim Berners Lee, que desenhou o esquema do que viria a ser a internet num guardanapo, disse em Davos, no ano que passou, que a rede precisa de uma nova arquitetura.

Nossa rede de comunicação do século XXI, vista por seus primeiros entusiastas com fervor religioso, foi transformada num mecanismo de vigilância e publicidade. A world wide web, ou teia mundial, é somente isso: uma teia que captura qualquer um que a usa. Os artistas não devem se submeter às demandas ou aos ditames dos iTópicos.

Por último, estou aqui para falar especificamente sobre a música americana.

Este país tem sido liderado por artistas, de Thoreau e Emerson a Walt Whitman e Woody Guthrie, de Thelonious Monk e Charlie Parker a Presley, Dylan, The Last Poets e Kendrick Lamar. As artes sempre estiveram na ponta de lança da ciência. Einstein disse que Picasso o precedeu em 20 anos. Júlio Verne pôs um homem na Lua cem anos antes de que um foguete o fizesse.

Vitrais medievais são exemplos de como a nanotecnologia já era usada na era pré-moderna. Aqueles artistas dominavam a alta tecnologia e muitas outras coisas – eles eram estetas, especialistas em ética, magos e filósofos, só para citar um punhado. Eles assumiram riscos. Riscos que um tecnocrata nunca assumiria. Os artistas arriscam tudo em tudo que fazem. O risco é o que separa o artista do artesão. A arte não é uma carreira. É uma vocação, uma inclinação, uma resposta a uma convocação.

Nós, neste país, temos nos definido através da música desde os primórdios – de “Johnny Has Gone for a Soldier”, na Guerra de Independência, e de “The Star Spangled Banner”, na Guerra Anglo-Americana, ao Hino da Batalha da República, de John Brown Body, na Guerra Civil, ou à incrível explosão de música do século passado que foram o jazz, o folk, o rock, o country. Porque, embora nossa música tenha tomado diferentes caminhos, forma uma coisa só e é a parte mais importante da nossa identidade nacional, dos Estados Unidos.

A música é para os Estados Unidos o que o vinho é para a França. Espalhamos nossa cultura pelo mundo através do poder suave da música americana. Assim como a França tem Champagne, temos o Delta do Mississippi. A França tem Bordeaux, nós temos os Montes Apalaches. A França tem Épernay, nós temos Nashville. As gravações musicais têm sido nosso melhor embaixador da boa-vontade. A verdadeira razão pela qual a Cortina de Ferro caiu é que os garotos russos queriam discos dos Beatles. Louis Armstrong fez mais por espalhar nossa mensagem de paz e inovação do que qualquer outra pessoa nos últimos cem anos.

Nossa história, nossa língua e nossa alma estão gravadas na nossa música. Não há expressão mais profunda da alma deste país do que o extenso arquivo musical que registramos ao longo do último século.

Esta é a história dos Estados Unidos: um menino sai de casa com sua música, e nada mais, e conquista o mundo. Replicamos esse fenômeno uma e outra vez. Poderíamos começar com Elvis Presley, mas poderíamos ir adicionando nomes por horas – Jimmie Rodgers, Rosetta Tharpe, Johnny Cash, Howlin Wolf, Mahalia Jackson, Bob Dylan, John Coltrane, Billie Holiday, Loretta Lynn, Chuck Berry, Hank Williams, Aretha Franklin, Jack White, Dr. Dre. Este é o Caráter Americano (das histórias). Este é (o herói folclórico) Johnny Appleseed.

Na homenagem da Fundação MusiCares a Bob Dylan, no ano passado, Jimmy Carter disse: “Não há dúvida de que suas palavras de paz e direitos humanos são muito mais incisivas e muito mais poderosas e muito mais permanentes do que qualquer presidente dos Estados Unidos.” Creio que isso é inegável.

Isto é o que os artistas somos. Que não nos esqueçamos.

Então, para concluir, há esse raciocínio que repetem os tecnocratas: “Veja, nós vamos seguir em frente e resolver tudo mais adiante.” Exatamente como eles fizeram com a bomba atômica. Como artistas, é nossa responsabilidade resolver agora.

Barnett Newman disse: “O tempo passa ao largo do topo da pirâmide.” O que ele quis dizer com isso é que há muito espaço na base da pirâmide para pôr coisas, mas, conforme o tempo passa, a gravidade as enterra na areia. Mas, se você coloca algo diretamente no topo, ali permanecerá. Aspiramos a pôr as coisas no topo da pirâmide. Esta é a nossa escolha, o nosso “meio” preferido.

O digital não é um meio de arquivamento. A tecnologia muda a cada dez anos. A tecnologia deles não pode e não vai durar.

A nossa arte, se a fizermos bem, vai.